

Duela a quem duela!

POR EVANDRO RODRIGUES *

A editora Katarina Kartonera é um projeto editorial de caráter artístico literário, criado em Florianópolis, em 2008, e agora finalmente implantado, para edição de livros e oficinas literárias. A proposta segue basicamente os padrões de outras cartoneras sul-americanas, como YiYi-Jambo, Eloísa Cartonera, Sarita Cartonera, e outras tantas que nos serviram de inspiração. Katarina se refere ao estado de Santa Catarina; Kartonera é uma referência ao modelo de produção dos livros, feitos artesanalmente e em parceria com catadores de papelão (cartón ondulado, em espanhol), material com que se faz as capas. A editora Katarina Kartonera consta hoje com nove títulos publicados, somando desde escritores ainda desconhecidos pelo público como até mesmo autores já consagrados pela literatura brasileira, exemplo Aurora Bernardini, professora de russo da USP- Universidade de São Paulo, ensaísta e tradutora que verteu para o português numerosos autores russos e europeus e já recebeu vários prêmios, entre eles o Jabuti. Setembro de 2009 foi o mês de aniversário de um ano desta editora que para brindar vem trazer para Santa Catarina uma entrevista exclusiva com o ator e produtor artístico Paulo Betti. Entrevista concedida durante o evento A Arte e as Exceções: O portunhol selvagem e outras propostas contemporâneas, na Casa da Gávea, dias 1 e 2 de setembro, Rio de Janeiro, casa que é considerada uma via importante de produção artística e cultural dessa cidade, coordenada por Paulo Sérgio Betti, nascido na cidade de Rafard a 10 de setembro de 1952, torcedor do São Bento de Sorocaba, ator global, múltiplo, produtor de teatro, cinema e televisão. Entre tantos trabalhos realizados está a direção do superpremiado filme Cafundó. Atuou como personagem principal de outra importante produção, Lamarca. Betti foi entrevistado na antessala do evento, num momento descontraído, sobre alguns aspectos de nossa contemporaneidade: línguas, literatura, cinema, novela, teatro, futebol, etc.

Pergunta - Você atuou como protagonista do filme O Toque do Oboé, em que o seu personagem, Augusto, um músico brasileiro de orquestra, em estágio terminal de vida, resolve morrer em uma cidade provinciana do Paraguai. Há na narrativa a presença conflitante do português com o espanhol, já que este era brasileiro e então hóspede na língua espanhola e no guarani. Conte um pouco sobre suas experiências com esse universo lingüístico.

Paulo Betti - O fato é que eu sempre tive um desejo muito grande de comunicação, um fascínio por línguas e essas coisas todas que fui adquirindo quando criança. Tenho um ouvido ruim, mas tenho um grande interesse por línguas. A língua mais próxima à nossa é o espanhol, então presto atenção e entendo, traduzo e já traduzi peças de teatro nos anos setenta na língua espanhola, ficou correto. Mas há pessoas que tem dificuldade então preferem não se comunicar, acho que podemos nos comunicar em espanhol, eu falo espanhol, (risos), e se estiver errado (...). A melhor coisa que o Collor de Melo fez foi dizer aquela frase: - Duela a quem duela! Então é assim, não sei se existe "duela" em espanhol, mas... em "portunhol" existe, (risos). Fiquei fascinado com tudo isso. A primeira cidade de língua espanhola que visitei foi a cidade do México. Depois estive também em Lima, no Peru, em Machupichu, em Cuzco, uma cidade fascinante, me interessa a América Latina. Depois fui filmar no Paraguai, uma experiência de dois meses e meio, vivendo numa pequena comunidade de uns cinco ou seis mil habitantes, filmando, e, às vezes, eu falava algumas coisas e as pessoas ficavam assim: - Hãn? Acho que o "portunhol selvagem" é mais interessante para quem fala espanhol do que para quem fala o português, porque tenho a sensação de que eu os entendo, mas que eles não me entendem.

Pergunta - A Casa da Gávea abre suas portas para as cartoneras e o evento A arte e as exceções, fale um pouco sobre isso.

Betti - Porque vocês trazem uma coisa forte, nova, uma energia positiva, uma criação poderosa. O portunhol me despertou porque ele tem um alcance poético, político, de muita força. É desejável que aconteça isso. Você sente, porque não? Nós temos que nos entender, nós todos deveríamos nos

entender, eu quero saber mais da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, são países muito próximos. O Rafael Pontes, meu sócio, está toda hora em Montevideú, a Casa da Gávea tem uma coisa da cultura que vem do sul.

Pergunta _ Qual seu último trabalho?

Betti - Estou me sentindo muito bem no teatro, fazendo esse trabalho aqui, A tartaruga de Darwin. Fiz também um filme, trabalhei como produtor e diretor do filme, e foi uma grande aventura, vamos dizer assim, passar para o outro lado, agora como produtor. Mas o cinema exige cifras muito altas, então trabalho na televisão, que me permite fazer trabalhos extras. Trabalho extra que dedico à Casa da Gávea, contribuindo para manter um centro cultural na região do Rio de Janeiro. Aqui estamos implantando uma rádio comunitária, produzimos peças de teatro, podemos ter a honra de abrir para eventos do quilate de vocês, que considero dos melhores eventos que passaram pela Casa da Gávea, porque vocês estão trazendo essa coisa do regional, do fora do eixo. Acho que tudo isso me interessa. Enfim, estou com um carinho especial, neste momento, pelo teatro, pela simplicidade de todo dia de manhã, aqui, quatro pessoas só, sentadinhas e trabalhando ali (apontando para o palco), no fazer. É um ofício, ser ator é um ofício. De certa maneira não se exige que o ator seja criativo, nem nada, exige que ele decore um texto e transmita uma ideia que é de outrem.

Pergunta - Qual a contribuição da televisão para formação da cultura brasileira?

Betti - A televisão tem um papel fundamental, ela é desde que ela apareceu um "bum". É um fator cultural de primeira linha, pena que é muito "vupt" (ida) e pouco vem. Noventa e cinco por cento das informações vem através da televisão, mesmo havendo uma explosão, vamos dizer assim, quântica, de outras possibilidades infinitas de comunicação.

Pergunta - Aí a internet entr...

Betti - A internet entra, por exemplo, eu vejo a televisão e cada vez mais me interessa o skype, usar o skype como elemento para trabalhar na televisão. O Fantástico já está usando, está todo mundo usando. Então digo, assisto ao Fantástico, gosto de assistir ao Fantástico, gosto de saber os gols da rodada, quem ganhou, os prêmios, enfim, eu gosto!

Pergunta - E sobre a política?

Betti - Óbvio que há um interesse muito grande, nós todos temos. Eu acho que o Lula está fazendo um excelente governo, mas quem é da oposição acredita que não, contudo, quem tem que medir é a população, a população mede na hora de votar. O PT certamente não atravessa seus melhores momentos, preferia o nosso bom e velho PT da estrelinha vermelha no peito, quando eu andava com a camiseta o dia inteiro na rua gritando contra todo mundo, mas hoje é outra situação. Existem problemas, quando existem problemas você vai e tenta solucioná-los, eu ajudei a criar o partido dos trabalhadores, trabalhei muito pelo partido dos trabalhadores, às vezes, da vontade de dizer: não quero mais saber. Mas política também é estar preocupado com meu filho, com minha nova filhinha, aliás, com minhas duas filhas, minha casa, política é essa coisa da vida. Agora, eu voto no PT. Fazendo suspense, será que eu vou votar? (risos). Às vezes dá vontade de não votar em ninguém, de faltar no dia da eleição, mas sou militante, gosto de atuar, gosto de fazer parte de um partido mesmo que ele seja impuro. Porque essa noção de pureza é uma coisa muito complicada. Nós não sabemos, mas nós somos combatentes dentro de um movimento político, todos nós estamos em choque, entre choque, puxando para um lado, puxando para outro.

Pergunta - Para finalizar...

Betti - Olha... estou muito feliz. Há 20 anos, quando nós montamos isso daqui, eu imaginava que iria acontecer o que está acontecendo agora, então isso me dá uma felicidade muito grande, porque agora estou recebendo a visita de vocês, dentro desse nosso centro cultural, fazendo uma troca de energia, de experiência, de possibilidades, de sopro poético, que é muito necessário. Nós temos que acreditar que é possível haver uma transformação nas coisas, como dizia o Bertold Brecht: "Se as

coisas estão como estão elas não podem continuar dessa maneira". (risos).

* Mestrando em literatura pela UFSC e editor responsável pela Katarina Kartonera